

Verso il 3° Forum Internazionale Paulo Freire *Re-invetando un nesso*

Coordinamento Nazionale Comunità di Accoglienza
Centro Sociale Ambrosiano - Milano, 25 maggio 2002

ATUALIDADE DE PAULO FREIRE Continuando e reinventando um legado

Moacir Gadotti (*)

Recentemente, fiquei surpreso ao ler um documento sobre Paulo Freire, convocando para um congresso internacional da UNESCO de Paris¹, divulgado pela Internet (www.unesco.org/most/freire.htm), que demonstrava um grande desconhecimento da sua obra, principalmente a publicada depois do exílio. Talvez isso esteja relacionado à dificuldade que os autores que escrevem em línguas pouco lidas como o português têm de divulgar suas idéias. Com o predomínio cada vez maior da língua inglesa (mais de 70% dos textos que circulam na Internet estão escritos nessa língua), temos a impressão de que o que não está publicado em inglês não existe.

O referido documento apresentava o *Método Paulo Freire* em termos puramente técnicos, em detrimento da teoria do conhecimento e da antropologia que o fundamenta. Apresentando os *limites* da obra de Freire, o documento expressava uma visão típica dos anos 70, não levando em conta os trabalhos de Freire publicados em português nos anos 80 e 90. É como se Paulo Freire tivesse parado de pensar no dia 7 de agosto de 1979, quando chegou ao Brasil, depois de 14 anos de exílio.

O meu estranhamento deu-se sobretudo porque havia lido o Relatório Delors² da UNESCO, que é, para mim, o reconhecimento da atualidade do seu pensamento pedagógico, apresentando os já conhecidos “quatro pilares” da educação do futuro: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Paulo Freire concordaria com esses pilares, acrescentando, porém, um quinto pilar: “aprender para quê”.

É motivado por esse contexto que gostaria de falar hoje, brevemente, sobre a **atualidade do pensamento de Freire**, dando continuidade às minhas reflexões já

(*) **Moacir Gadotti** è professore all'Università di Sao Paulo e Direttore Generale dell'Istituto Paulo Freire a Sao Paulo (Brasile). Ha scritto diversi libri incluso *Reading Paulo Freire: His Life and Work* (Albany: State University of New York Press, 1994), tradotto in giapponese, spagnolo, italiano, portoghese; *Pedagogy of Praxis: a Dialectical Philosophy of Education*, con una prefazione di Paulo Freire (Albany: State University of New York Press, 1996) tradotto in spagnolo e portoghese; *History of Pedagogical Ideas*, tradotto in spagnolo; e *Paulo Freire: Uma Biobibliografia* (Sao Paulo: Instituto Paulo Freire and Cortez Editora, 1996), tradotto in spagnolo (Ciudad de Mexico: Siglo XXI, 1999). Con più di 780 pagine è il lavoro più completo su Paulo Freire disponibile.

¹ Seminário Internacional “Educação e Transformação Social: Questionemos nossas práticas. Cruzamento de saberes e práticas em torno de Paulo Freire” (Recife, 2-4 de maio de 2002 e Paris, 16-18 de setembro de 2002).

² Jacques Delors e outros. *Educação: um tesouro a descobrir* (Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI). São Paulo, Cortez, 1999 (3ª ed.).

apresentadas por ocasião do II Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire³. Naquela data, depois de uma breve apresentação de Paulo Freire, falei da originalidade do seu método, da sua experiência como Secretário de Educação em São Paulo (1989-1991): *cambiamenti strutturali, programma di sviluppo professionale continuo degli educatori, il programma di alfabetizzazione rivolto a giovani ed adulti e la pratica di costruire un curriculum interdisciplinare*. Doppo havere parlato di Paulo Freire nel contesto delle pedagogie contemporanee, il costruttivismo freireano e le intuizioni originali del suo pensiero, apresentei as principais teses do seu legado.

Hoje, gostaria de seguir por outro caminho, apresentado alguns desdobramentos desse vigoroso pensamento, buscando demonstrar a sua atualidade.

1. O ato de conhecer

A educação contemporânea está marcada pela **questão do conhecimento**. E não é por acaso. O conhecimento tornou-se peça chave para entender a própria sociedade atual. Fala-se em sociedade do conhecimento, às vezes com impropriedade. Mais do que a era do conhecimento, devemos dizer que vivemos a era da informação, pois percebemos com mais facilidade a disseminação da informação e de dados, muito mais do que de conhecimentos. O acesso ao conhecimento é ainda muito precário, sobretudo em sociedades com grande atraso educacional.

Hoje as teorias do conhecimento na educação estão centradas na aprendizagem, no ato de aprender, de conhecer. Lendo Paulo Freire, rapidamente podemos encontrar algumas de suas **teses** sobre a construção do conhecimento que permanecem muito atuais.

1^a - Conhecer é construir categorias de pensamento, é “ler o mundo e transformá-lo”, dizia Freire. Não é possível construir categorias de pensamento como se elas existissem *a priori*, independentemente do sujeito que conhece. Ao conhecer, o sujeito do conhecimento reconstrói o que conhece.

2^a - Só é possível conhecer quando se deseja, quando se quer, quando nos envolvemos profundamente no que apreendemos. No aprendizado, gostar é mais importante do que criar hábitos de estudo, por exemplo. Hoje se dá mais importância às metodologias da aprendizagem, às linguagens e às línguas, do que aos conteúdos. A transversalidade e a transdisciplinaridade do conhecimento é mais valorizada do que os conteúdos longitudinais do currículo clássico.

3^a Frente à disseminação e à generalização do conhecimento, é necessário que a escola e o professor, a professora, façam uma seleção crítica da informação, pois há muito lixo e propaganda enganosa sendo veiculados. Não faltam, também na era da informação, encantadores da palavra para tirar algum proveito, seja econômico, seja religioso, seja ideológico.

4^a - Conhecer é importante porque a educação se funda no conhecimento e o conhecimento na atividade humana. Para inovar é preciso conhecer. A atividade humana é intencional, não está separada de um projeto. Conhecer não é só adaptar-se ao mundo. É condição de sobrevivência do ser humano e da espécie.

5^a - Antes de conhecer o sujeito se interessa por... é “curioso”, é “esperançoso” (Freire). Daí a importância do trabalho de sedução do professor, da professora, frente ao aluno, à aluna. Daí a necessidade da motivação, do encantamento. É preciso mostrar que “aprender é gostoso, mas exige esforço”, como dizia Paulo Freire no primeiro

³ Vide “Attraversando frontiere: metodologie ed esperienze freireane”, in *Livro de Atas* do II Incontro Internazionale del *Forum Paulo Freire* realizado de 29 de marzo al 1 aprile 2000 a L’Università di Bologna, site: <<http://www.clueb.com/html/varie/novita.jsp>> .

documento que encaminhou aos professores quando assumiu a Secretaria de Educação do Município de São Paulo.

6ª - Finalmente, diz Paulo Freire: “Ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo. Todos nos educamos em comunhão”. Todos podem conhecer. Todos podem ensinar e aprender.

2. O ato de aprender

Nós, educadores, sentimos falta ainda de outras teses, teses que nos ajudem a entender o **ato de aprender**, para entendermos melhor o ato de ensinar. Para nós educadores não basta saber como se constrói o conhecimento. Nós precisamos dominar outros saberes da nossa difícil tarefa de ensinar. Precisamos saber o que é e, sobretudo, como aprender.

As teses a seguir foram tiradas de múltiplas vivências, seja da minha prática, seja de teóricos que estudei, mas sobretudo da convivência de 23 anos com Paulo Freire. Aprendi dele muitas lições. Tivemos oportunidade, com frequência, de trocar idéias sobre isso. Paulo, como educador, estava preocupado constantemente com o ato de aprender, de estudar, de ensinar.

Reuno aqui pelo menos **sete teses** sobre esse tema.

1ª - *Aprendemos a vida toda*. Não há tempo próprio para aprender.

2ª - *Aprender não é acumular conhecimentos*. Aprendemos história não para acumular conhecimentos, datas, informações, mas para saber como os seres humanos fizeram a história para fazermos história.

3ª - *O importante é aprender a pensar* (a realidade, não pensamentos), aprender a aprender.

4ª - *É o sujeito que aprende* através da sua experiência. Não é um coletivo que aprende.

5ª - *Aprende-se o que é significativo* para o projeto de vida da pessoa. Aprende-se quando se tem um projeto de vida.

6ª - *É preciso tempo para aprender* e para sedimentar informações. Não dá para injetar dados e informações na cabeça de ninguém. Exige-se também disciplina e dedicação.

7ª - *“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”⁴*.

3. Saber e competências

Há uma nova moda em educação, a das “novas competências”⁵, o “enfoque por competências”, que lembra um pouco o debate da década de 80 entre “competência técnica” e “compromisso político”. Como em toda moda, em toda ideologia, ela tem um fundamento. Por isso, é preciso buscar, nesse “senso comum”, o “bom senso”, como queria Antonio Gramsci. É preciso reconhecer que o contexto atual coloca novos desafios para a escola, para o ensino, o professor, o aluno, etc⁶. O professor precisa saber organizar o seu trabalho e orientar o do aluno a organizar o seu, saber trabalhar em equipe, participar da gestão da escola, envolver os pais, utilizar novas tecnologias, ser ético, continuar sua formação... mas esses saberes não foram desde sempre os saberes necessários à prática educativa?

⁴ Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 25.

⁵ Philippe Perrenoud, *Construir as competências desde a escola*, Porto Alegre, Artmed, 2002. Tradução do francês *Construire des compétences dès l'école*. Paris, ESF, 1997.

⁶ Moacir Gadotti, *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre, Artmed, 2000.

Paulo Freire preferia falar de “saberes” e não de competências, uma palavra associada à tradição utilitarista, tecnocrática, ao mundo da empresa, à economia, à competitividade (ao mundo do trabalho neoliberal), à eficiência, à racionalização, à avaliação... Por isso ele fala de “saberes necessários à prática educativa” em seu último livro⁷.

As profissões que dependem inteiramente da tecnologia (o torneiro mecânico, por exemplo) estão vendo suas “competências e habilidades” se transformarem rapidamente. O professor para o exercício das suas funções não depende exclusivamente da tecnologia. Nem tudo muda para ele mudando a tecnologia que utilizar. No novo contexto de impregnação da informação ele precisa continuar sua formação ao longo de toda a vida e “saber ser, saber aprender, saber conviver, saber fazer”, como diz a UNESCO. Mas precisa continuar, como sempre, “saber porque” está ensinando e o que está ensinando, precisa “saber pensar”⁸, necessita associar ensino, pesquisa e envolvimento comunitário.

Alguns confundem competência com habilidade, mas competência não é habilidade: o professor pode ser competente, ter conhecimentos profundos de uma determinada disciplina e não ter habilidades práticas para o ensino. A educação não é só ciência, mas é também arte. O ato de educar é complexo. O êxito do ensino não depende tanto do conhecimento do professor, mas da sua capacidade em “fazer aprender”.

Nesse contexto devemos destacar as “competências de vida” ou os “saberes de experiência feitos”, como costumava dizer Freire. As competências de vida que não se enquadram nas competências dos campos profissionais específicos. A questão das competências está ligada ao tema como aprendemos. Aprendemos atuando, empreendendo, agindo. A ação gera saber, habilidade, conhecimento. Agindo aprendemos técnicas e métodos sobre “como fazer”.

Há um movimento, sobretudo na Europa, de reconhecer (certificar) as competências das pessoas (sobretudo adultas) que não passaram pela certificação da escola. Qual o sentido do reconhecimento das competências de vida das pessoas?

Creio que essa certificação só faz sentido se não for burocrática, isto é, se valorizar a capacidade de aprender das pessoas. Reconhecer uma competência ou habilidade estimula e motiva as pessoas a continuar aprendendo, a “pensar a sua prática para transformá-la”, como queria Freire.

4. O ato de ensinar

Diante das **dificuldades da prática docente**, do desencanto dos nossos alunos, muitos e muitas são vítimas da “síndrome da desistência”⁹, expressa pela exaustão emocional provocada pelo aumento da quantidade de trabalhos e pela despersonalização provocada pela sua baixa valorização social e reduzida realização pessoal, surgem, inevitavelmente, em muitos de nós as perguntas: por que ser professor hoje? Qual é sentido de ser professor hoje? Para que estou ensinando?

⁷ Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

⁸ Pedro Demo, *Saber pensar*. São Paulo, Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000.

⁹ Ver pesquisa sobre saúde dos trabalhadores em educação da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), *Educação: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Brasília, CNTE, 1999. Essa pesquisa foi o mais amplo levantamento já realizado a respeito da educação em todo o mundo. Durante dois anos foram entrevistados 52 mil professores e funcionários de escola em 1.440 unidades das redes públicas estaduais, nos 27 estados do Brasil.

Considerando o contexto da globalização e da “nova globalização”¹⁰ emergente – a “planetarização”¹¹ – da sociedade aprendente (sociedade da informação, do conhecimento), e levando em conta as teorias de Paulo Freire, eis a resposta que eu costumo dar quando me provocam sobre esse tema, mesmo que seja apenas para iniciar um debate.

1. O novo professor é um profissional do sentido. Diante dos novos espaços de formação (diversas mídias, ONGs, Internet, espaços públicos e privados, associações, empresas, sindicatos, partidos, parlamento...), o novo professor integra esses espaços e deixa de ser lecionador para ser um gestor do conhecimento social (popular), o profissional que seleciona a informação e dá/constrói sentido para o conhecimento, um mediador do conhecimento¹². O novo profissional da educação precisa questionar-se sobre por que aprender, para quê, contra quê, contra quem. O processo de aprendizagem não é neutro. O importante é aprender a pensar, a pensar a realidade e não pensar pensamentos já pensados. Mas a função do educador não acaba aí: é preciso pronunciar-se sobre essa realidade que deve ser não apenas pensada, mas transformada.

2. O novo professor é um profissional que aprende em rede (ciberespaço da formação), sem hierarquias, cooperativamente (saber organizar o seu próprio trabalho). É um aprendiz permanente, um organizador do trabalho do aluno; consciente, mas também sensível, ele desperta o desejo de aprender para que o aluno seja autônomo e se torne sujeito da sua própria formação. Por isso, o novo professor precisa desenvolver habilidades de colaboração (trabalho em grupo, interdisciplinaridade), de comunicação (saber falar, seduzir, escrever bem, ler muito), de pesquisa (explorar novas hipóteses, duvidar, criticar) e de pensamento (saber tomar decisões). O enfoque da formação do novo professor deve ser na autonomia e na participação, nas formas colaborativas de aprendizagem.

3. Ensinar é mobilizar o desejo de aprender. Mais importante do que saber é nunca perder a capacidade de aprender. “Saber é saborear”, diz Rubem Alves¹³. O novo profissional da educação deve romper o divórcio entre a vida escolar e o prazer. Para ensinar são necessárias principalmente duas coisas: a) gostar de aprender, ter prazer em ensinar, como um jardineiro que cuida com emoção do seu jardim, de sua roça; b) amar o aprendente (criança, adolescente, adulto). Só aprendemos quando aquilo que aprendemos é “significativo” (Piaget) para nós e nos envolvemos profundamente no que aprendemos. O que aprendemos deve fazer parte do nosso projeto de vida. É preciso gostar de ser professor (auto-estima) para ensinar.

4. A ética é parte integrante da competência do professor. Isso significa que um professor que não é ético, não tem um sonho, uma utopia, não é comprometido... não é competente. Não se pode educar sem um sonho. Aprende-se ao longo de toda a vida, desde que tenhamos um projeto de vida. Ética do “cuidado”¹⁴, da “amorosidade” (Freire). A razão competente deve ser uma razão “molhada de emoção” (Freire). O papel das emoções no processo de aprendizagem é decisivo: razão e emoção não são instâncias separadas no ser que aprende (Wallon). A emoção é parte do ato de conhecer.

¹⁰ Milton Santos, *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo, Record, 2000.

¹¹ Ver Ângela Antunes, *Leitura do mundo no contexto da planetarização: por uma pedagogia da sustentabilidade*. São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2002 (Tese de doutorado) e Moacir Gadotti, *Pedagogia da Terra*. São Paulo, Peirópolis, 2001.

¹² Ladislau Dowbor, *A reprodução social: propostas para uma gestão transformadora*. Petrópolis, Vozes, 1998.

¹³ Rubem Alves, *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo, Cortez, 1981.

¹⁴ Lenardo Boff, *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis, Vozes, 1999.

5. Educar para uma vida sustentável. O novo professor é também um profissional do encantamento. Num mundo de desencanto e de agressividade crescentes, o novo professor tem um papel biófilo. É um promotor da vida, do bem viver, educa para a paz e a sustentabilidade. Não podemos abrir mão de uma antiga lição: a educação é ao mesmo tempo ciência e arte. A arte é a “técnica da emoção” (Vygostski). O novo profissional da educação é também um profissional que domina a arte de reencantar, de despertar nas pessoas a capacidade de engajar-se e mudar. “Mudar é difícil”, dizia Paulo Freire. “Mas é possível e urgente”.

Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo, conviver; é ter **consciência** e **sensibilidade**. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marketeiros, eles são os verdadeiros “amantes da sabedoria”, os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber (não o dado, a informação e o puro conhecimento), porque constroem **sentido para a vida** das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mas produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis.

5. Educar para a humanidade

Ladislau Dowbor abre um pequeno e denso livro¹⁵ com uma mensagem deixada por um prisioneiro de campo de concentração nazista na qual, depois de viver todos os horrores da Guerra – “crianças envenenadas por médicos diplomados; recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas; mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades” – pede que os professores “ajudem seus alunos a tornarem-se humanos”, simplesmente humanos. E termina: “ler, escrever e aritmética só são importantes para fazer nossas crianças mais humanas”.

Em inúmeras conferências que tenho feito a professores, professoras, além de constatar um grande mal-estar entre os docentes, misturada a decepções, irritação, impaciência, ceticismo, perplexidade, existe também muita esperança. A esperança que ainda alimenta essa difícil profissão. Há uma ânsia por entender melhor porque está tão difícil educar hoje, fazer aprender, ensinar, uma ânsia para saber o que fazer quando todas as receitas oficiais já não conseguem responder. A maioria dessas professoras – por que não falar apenas delas que são a quase totalidade? – com a diminuição drástica dos salários, com a desvalorização da profissão e a progressiva deterioração das escolas que hoje têm cara de presídio, procuram cada vez mais cursos e conferências, para buscar na **formação continuada** uma resposta que não encontraram na **formação inicial**.

Poucas são as vezes em que encontram respostas satisfatórias nesses cursos. Na sua maioria, ou encontram receitas tecnocráticas que causam ainda mais frustração ou encontram conferencistas profissionais que encantam com suas belas palavras, fazer rir enormes platéias com seus discursos programados fazendo uma espécie de “pedagogia da auto-ajuda”. Depois da catarse coletiva, eles voltam tão vazios como entraram.

Se, de um lado, a mudança nas condições objetivas das nossas escolas não depende apenas da nossa atuação como profissionais da educação, de outro lado, não creio que sem uma mudança subjetiva na própria concepção da nossa profissão essas mudanças não ocorrerão tão cedo. Enquanto não construirmos um novo sentido para a nossa missão, sentido esse que está ligado à missão da escola, esse vazio, essa perplexidade, essa crise, deverão continuar.

¹⁵ Ladislau Dowbor, *Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação*. Petrópolis, Vozes, 2001.

A esperança, para o professor, a professora, não é algo vazio, de quem espera acontecer. Ao contrário, a **esperança** para o professor encontra sentido na sua própria missão, a de transformar pessoas, dar nova forma às pessoas, e alimentar, por sua vez, a esperança delas para que consigam construir uma realidade diferente, “mais humana, menos feia, menos malvada”, como costumava dizer Paulo Freire. Uma educação sem esperança não é educação, dizia Paulo Freire.

Educação confunde-se com **processo de humanização**. Respondendo à questão “como o professor pode tornar um intelectual na sociedade contemporânea”, o grande geógrafo brasileiro Milton Santos, falecido no ano de 2001, respondeu: “Quando consideramos a história possível e não apenas a história existente, passamos a acreditar que outro mundo é viável. E não há intelectual que trabalhe sem idéia de futuro. Para ser digno do homem, qual seja, do homem visto como projeto, o trabalho intelectual e educacional tem que ser fundado no futuro. É dessa forma que os professores podem tornar-se intelectuais: olhando o futuro”¹⁶.

O professor precisa indagar-se constantemente sobre o sentido do que está fazendo. Se isso é fundamental para todo ser humano, como ser que busca sentido o tempo todo, para o professor é também um dever profissional. Faz parte de sua competência profissional continuar indagando, junto com seus colegas e alunos, sobre o sentido do que estão fazendo na escola. Ele está sempre em **processo de construção de sentido**. Como diz Celso Vasconcellos¹⁷, “o sentido não está pronto em algum lugar esperando ser descoberto. O sentido não advém de uma esfera transcendente, nem da imanência do objeto ou ainda de um simples jogo lógico-formal. É uma construção do sujeito! Daí falarmos em produção. Quem vai produzir é o sujeito, só que não de forma isolada, mas num contexto histórico e coletivo (...). Ser professor, na acepção mais genuína, é ser capaz de fazer o outro aprender, se desenvolver criticamente. Como a aprendizagem é um processo ativo, não vai se dar, portanto, se não houver articulação da proposta de trabalho com a existência do aluno; mas também do professor, pois se não estiver acreditando, se não estiver vendo sentido naquilo, como poderá provocar no aluno o desejo de conhecer?”

Celso Vasconcellos, um dos melhores alunos de Paulo Freire, insiste, em seu belo livro que o papel do professor é “educar através do ensino”¹⁸. Ele pode apenas ensinar tabuada, mas só educa através do ensino quando construir o sentido da tabuada junto com seu aprendiz, por que, como diz ele, ensinar vem do latim *insignare*, que significa “marcar com um sinal”, atuar na construção do significado do que fazemos. Tudo o que fazemos precisamos fazer com sentido, tudo o que estudamos tem que ter sentido.

Os dois maiores educadores do século passado, John Dewey e Paulo Freire, cada um a seu modo, procuraram responder a essa questão e centraram suas análises na relação entre “educação e vida”, reagindo às pedagogias tecnicistas do seu tempo – tanto de esquerda quanto de direita – que só se preocupavam com métodos e técnicas. “Gostaria de ser lembrado como alguém que amou a vida”, disse Paulo Freire duas semanas antes de falecer. A educação só tem sentido como vida. Ela é vida. A escola perdeu seu sentido de humanização quando ela virou mercadoria, quando deixar de ser o lugar onde a gente aprende a ser gente para tornar-se o lugar onde as crianças e os jovens vão para aprender a competir no mercado.

¹⁶ Milton Santos, “O professor como intelectual na sociedade contemporânea”. In *Anais do IX ENDIPE- Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, vol. III, São Paulo, 1999, p. 14.

¹⁷ Celso Vasconcellos, *Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação*. São Paulo, Libertad, 2001, pp. 51-52.

¹⁸ *Idem*, p. 55.

É preciso mostrar que o neoliberalismo, com sua política de **mercantilização da educação** tornou essa profissão descartável. É preciso fazer a análise crítica, social, econômica. Mas tudo isso não basta. É preciso que a rigorosa análise da situação não fique nela, mas aponte caminhos e nos indique como caminhar. Caso contrário, as análises sociológicas e políticas, por mais rigorosas e corretas que sejam, elas ajudam apenas para manter o imobilismo e a falta de perspectivas para o educador.

O poder do professor está tanto na sua capacidade de refletir criticamente sobre a realidade para transformá-la quanto na possibilidade de formar um grupo de companheiros e companheiras. Paulo insistia que a escola transformadora era a “**escola de companheirismo**”, por isso sua pedagogia é uma pedagogia do diálogo, das trocas, do encontro, das redes solidárias. “Companheiro” vem do latim e significa “aquele que partilha o pão”. Trata-se portanto de uma postura radical ao mesmo tempo crítica e solidária. Às vezes somos apenas críticos e perdemos o afeto dos outros por falta de companheirismo. E não haverá superação das condições atuais do magistério sem um profundo sentimento de companheirismo. Lutando sozinhos chegaremos apenas à frustração, ao desânimo, à lamúria. Daí o sentido profundamente ético dessa profissão. No fundo, para enfrentar a barbárie neoliberal na educação vale ainda a tese de Marx de que “o próprio educador deve ser educado”, educado para a construção histórica de um sentido novo de seu papel.

6. Continuando e reinventando Freire

Para nós, do Instituto Paulo Freire, recordar o legado de Freire não significa repetir Freire, mas continuar Freire, reinventando-o. Tomamos o pensamento e a práxis de Freire como referência político-pedagógica para responder aos desafios do presente e para fazer melhor amanhã o que já fazemos hoje. Como diz Cornélius Castoriadis “honrar um autor não é venerá-lo, mas estudá-lo, criticá-lo”.

No dia 12 de abril de 1991, Paulo Freire, numa reunião com educadores e amigos, lançava a idéia da criação do Instituto Paulo Freire. Seu desejo era encontrar uma forma de reunir pessoas e instituições do mundo todo que, movidas pela mesma utopia de uma educação como prática da liberdade, pudessem refletir, trocar experiências, desenvolver práticas pedagógicas nas diferentes áreas do conhecimento que contribuíssem para a construção de um mundo com mais justiça social e solidariedade. Assim surgiu o IPF. Hoje, Paulo Freire já não está entre nós, ou melhor, está em todos os nós da rede que teceu. O IPF tem buscado manter viva a sua luta.

Para nós, do IPF, Paulo Freire continua sendo a grande referência de uma educação como prática da liberdade. Ele pode ser comparado a muitos educadores do século XX, mas nenhum, melhor do que ele, formulou uma pedagogia dos silenciados e da responsabilidade social, ao mesmo tempo dos oprimidos, dando-lhes voz, e daqueles que não são oprimidos, mas estão comprometidos com eles e com eles lutam, como afirma na dedicatória do seu livro mais conhecido *Pedagogia do oprimido*. Colocar Paulo Freire no passado é não querer mexer na cultura opressiva de hoje.

Creemos que o reconhecimento da importância da obra de Paulo Freire no campo da educação dar-se-á quando a escola deixar de ser confinada no seu espaço para reconhecer a educação ao longo de toda a vida, o que significa reconhecer que ela é essencialmente informal. E mais. Hoje, reconhecer também que o espaço virtual tornou-se um dos mais poderosos espaços de formação do sujeito. Portanto, o legado de Freire não pode ser considerado como uma contribuição à educação do passado, mas à educação do futuro. Nesse sentido, ele pode servir de base para elaborarmos as propostas alternativas ao neoliberalismo.

Muitos educadores, reunidos em “Círculos de Cultura”, em Porto Alegre, de 25 a 30 de janeiro de 2001, durante o *Fórum Social Mundial*, com razão referiam-se a Freire como o educador mais coerente do século XX, cujas lições deverão continuar válidas por muito tempo. Eles lançaram um “Manifesto” que assim se inicia: “No século que findou, dois projetos de sociedade fracassaram relativamente ao processo civilizatório: um porque privilegiou o eu, eliminando o nós; o outro porque privilegiou o nós, desconsiderando o eu. Neste novo século, confrontam-se dois projetos antagônicos de sociedade: um subordina o social ao econômico e ao império do mercado; outro prioriza o social. Faz-se necessário construir um projeto de sociedade onde o ser humano seja resgatado na sua plenitude de eu e nós, com base na prioridade do social sobre o econômico. Para que este novo mundo seja possível, é necessário que toda a humanidade entenda e aceite a educação transformadora como pré-condição. Esta educação tem como pressupostos o princípio de que ninguém ensina nada a ninguém e que todos aprendem em comunhão, a partir da leitura coletiva do mundo”.

Não se pode entender o pensamento pedagógico de Paulo Freire descolado de um projeto social e político. Por isso, não se pode “ser freireano” apenas cultivando suas idéias. Isso exige, sobretudo, comprometer-se com a construção de um “outro mundo possível”. Como dizia ele, na *Pedagogia da autonomia* (1997:86): “o mundo não é; o mundo está sendo”. Sua “pedagogia sem fronteiras” é um convite para transformá-lo.